

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**24 DE SETEMBRO DE 2022**  
**ARIEL DE BIGAULT: MARGENS ATLÂNTICAS**

## **AFRO LISBOA / 1996**

*Um filme de Ariel de Bigault*

*Argumento:* Ariel de Bigault / *Consultor:* José Eduardo Agualusa / *Imagem (16 mm, cor):* Luís Correia / *Montagem:* Dominique Pâris / *Som:* Vasco Pimentel / *Com as participações de:* Miguel Hurst, Orlando Sérgio, Mário Pereira, Zézé, Cantares da Alma, António Kimusi,

*Produção:* SP Filmes, Kanpaï Productions, RTP / *Produtores:* Pedro Martins, Hubert Niogret / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, ficheiro, 60 minutos / *Estreia mundial:* Encontros Internacionais de Cinema Documental da Malaposta (Prémio António Reis – Melhor Obra Documental) em 1997. *Primeira apresentação na Cinemateca:* 22 de abril de 2019 (Ciclo Povos em Movimento - Migração, Exílio, Diáspora).

## **MARGEM ATLÂNTICA / 2006**

*Um filme de Ariel de Bigault*

*Argumento:* Ariel de Bigault / *Imagem:* Leonardo Simões / *Montagem:* Claudio Martinez, Gaetan le Martelot, Dimitri Kuhlmann / *Som:* Olivier Blanc, Paulo Abelho / *Com as participações de:* Zézé Hurst, Mariza, José Eduardo Agualusa, Ângelo Torres, João Afonso, Amélia Muge, Kalaf Angelo, Francisco Rebelo, Tiago Santos, João Gomes, etc.

*Produção:* FMC, Filmoblic, Real Ficção / *Produtores:* Anne Marie Toison, Rui Simões, Hubert Niogret / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, ficheiro, cor / *Duração:* 58 minutos / *Estreia mundial:* data ignorada. *Primeira apresentação na Cinemateca.*

---

Com a presença de Ariel de Bigault

---

Dez anos separam os dois filmes de Ariel de Bigault desta sessão, mas a sua continuidade temática (além das semelhanças formais enquanto documentários) aproximam-nos ao ponto de poderem ser vistos como um díptico.

Em **Afro Lisboa**, provavelmente o primeiro documentário feito em Portugal (ainda que por uma realizadora francesa e com uma importante componente de produção deste país...) a abordar a realidade de uma “Lisboa africana”, mostra-se a presença nela de pessoas provenientes ou descendentes dos países africanos de língua portuguesa (Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe) e a sua

situação em Portugal. Feito num contexto em que a discussão sobre as questões do pós-colonialismo estava já a dar os primeiros passos na Europa e nos Estados Unidos, mas era ainda uma quase completa ausência no debate público no nosso país, este filme teve como primeiro mérito o de lançar a reflexão sobre os estereótipos que minam a relação com a presença das diferentes “áfricas” na paisagem social e cultural portuguesa. A interrogação de partida do projecto seria: o que é isso da identidade afro-europeia e como se manifesta ela na vivência dessas comunidades em Lisboa, antiga metrópole colonizadora?

Como é habitual na obra de Bigault, a resposta a esta questão “teórica” é respondida a várias vozes que falam a partir da sua própria situação particular (e é na acumulação de casos concretos que o filme se ganha pela possibilidade de exprimir uma multitude de experiências que enriquecem e aprofundam uma abordagem que caso contrário ficaria apenas pela sua actualidade quase jornalística ou pelo seu valor sociológico). Ariel de Bigault cruza as palavras ditas nas ruas da cidade de Lisboa pré-EXPO 98 (e, quase 30 depois, há em muitas destas imagens uma cidade entretanto já desaparecida, engolida que foi pela gentrificação e pelo turismo) com muita música e muita dança produzida por esses artistas - africanos ou afro-descendentes - que estavam por esses anos a enriquecer de forma absolutamente singular a paisagem humana e cultural lisboeta. A cartografia musical dessa Lisboa africana tal como é vista por Ariel de Bigault - fruto da sua paixão e conhecimento desse universo musical (sob o qual incide a maior parte da sua obra no cinema) - tem tanto de diagnóstico como de utópico já que poderia significar o fecho feliz de um ciclo de 500 anos de história colonial com a “colonização” cultural do antigo país colonizador pelas suas anteriores colónias (numa espécie de lusotropicalismo ao contrário).

Em grande medida é também a música enquanto a forma cultural mais reveladora dessa miscigenação o principal fio condutor de **Margem Atlântica**. Feito dez anos depois, este segundo documentário volta ao assunto para dar a ouvir cantores, compositores, escritores e atores lisboetas com raízes africanas sobre a negritude e a relação com o passado colonial: de Mariza a João Afonso, dos Cool Hipnoise a Amélia Muge, de José Eduardo Agualusa (que já tinha sido consultor de **Afro Lisboa**) a Kalaf Epalanga, de Ângelo Torres ao Teatro do Pau Preto. Alguns apontamentos encenados ironizam sobre a possibilidade dessa “Afro Lisboa” ser já um cliché e tentam desconstruir a excessiva simplificação dessa imagem, mas o tom dominante de **Margem Atlântica** é um mais sincero e caloroso retrato das múltiplas vivências dos seus retratados e da sua relação com uma identidade partilhada entre Portugal e África. Eventualmente mais dispersivo do que o filme anterior e porventura mais dependente das várias vozes que vão servindo de guia como figuras de substituição da presença da própria realizadora no filme (procedimento que Ariel de Bigault recupera no mais recente **Fantasmas do Império**, ambiciosa exploração das representações do passado colonial em algum cinema português) do que de um mais vincado ponto de vista de cineasta, **Margem Atlântica** não deixa de constituir um documento muito rico, um “instantâneo” que fixa uma componente da nossa história colectiva contemporânea que carecia de visibilidade e reconhecimento.

Nuno Sena